



MULHERES PROTAGONISTAS NA LUTA PELA TERRA.

Marisa de Fátima Lomba de Farias¹; Crislaine da Silva Araujo²;

¹Doutora em Sociologia. UFGD-FCH, C. Postal 533, 79804-970 Dourados-MS, E-mail: Marisa.lomba@ufgd.edu.br

²UFGD-FCH, PIBIC/UFGD/CNPqDourados-MS, E-mail: crisufgd@gmail.com

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar os resultados do levantamento de histórias de luta e conquista pela terra realizado no assentamento Chê Guevara, localizado no município de Sidrolândia-MS, em uma perspectiva de gênero. Para o desenvolvimento da pesquisa privilegiou-se o contato direto com mulheres, e a partir disso, foram realizados registros em caderno de campo e entrevistas. Foi possível perceber o protagonismo feminino na luta pela terra e na terra, verificando como são retratadas essas novas identidades, que são estruturadas através de uma história coletiva, mas também individualmente. Portanto, há identidades construídas em âmbito individual e coletivo, já que as mulheres são sujeitos sociais em seu contexto histórico, de luta, de exploração, de expulsão mas também de resistência para a conquista de seus sonhos e de um lugar onde possam sobreviver, plantar e colher.

Palavras-chave: Mulheres, Movimento Social, Feminismo

INTRODUÇÃO

No primeiro momento será apresentada a trajetória de pesquisa e estudos ocorrida durante a vigência do PIBIC, que resultou neste artigo, pois a pesquisa é concebida como uma construção de sentidos na qual existem vários pilares que a sustentam: leituras e reflexões

individuais e grupais que podem suscitar questionamentos e o contato com teorias importantes, complementações com cursos e o próprio caminho percorrido.

No segundo momento serão demonstradas, em itens, algumas reflexões sobre a luta pela terra, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e aspectos da vida de mulheres protagonistas nesta luta e que empreendem esforços cotidianos para permanecerem na terra que faz parte de um sonho para a conquista de condições dignas para se viver.

As atividades obtiveram início com a participação no grupo de estudo orientado pela professora Marisa¹ onde entramos em contato com a obra de José de Souza Martins, em sua obra *Fronteiras*. Através da leitura foi possível identificar que a fronteira pode ser observada através dos confins que nos separam de nós mesmos, nas conflitividades de expansão do nosso interior. A fronteira segundo Martins pode ser vista como um espaço próprio de encontro de diversas sociedades e culturas, ou seja, um lugar de liminaridade de indefinição e conflito, lugar de comunhão por meio do qual nascemos como um povo.

A fronteira é a fronteira da humanidade. Além dela está o não-humano, o natural, o animal. Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um lado só, o suposto lado da civilização, se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano. (MARTINS, 2000, p. 141)

É possível perceber que a história contemporânea da fronteira no Brasil, é marcada por histórias de lutas de classes e étnicas, ou seja, situação de conflito social e é nesse conflito que para Martins, (2009) a fronteira é essencialmente um lugar da alteridade.

A análise do texto da Maria Izaura Pereira de Queiroz, *Variações sobre técnica de Gravador no Serviço da Informação Viva*, foi outra atividade relevante para o desenvolvimento no Grupo de Estudo. Essa discussão foi relevante para a pesquisa, pois identificamos como devemos utilizar esse método. Uma das formas é, primeiramente identificar o informante para que possamos garantir a qualidade da entrevista, sem deixá-la incompleta ou com sensação de que falta mais algum fato. Para Queiroz: “[...] o importante não era identificar se o entrevistado conhecia ou não tal ou qual fato, mas sim buscar saber porque razão ele o havia esquecido, ou havia ocultado, ou simplesmente dele não tivera conhecimento.” (QUEIROZ, 1991, p. 82)

A autora nos apresenta também a importância dessas histórias de vida para a construção de fontes de dados e controle, essa história é uma técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social.

A leitura dessas duas obras permitiram compreender que estávamos iniciando uma pesquisa na fronteira de diversidades culturais, étnicas, de gênero e classes, na qual destacaríamos as mulheres protagonistas da luta pela terra, as informantes primordiais sobre um processo de consolidação do assentamento, com identidades em construção, mas acima de tudo, mulheres trabalhadoras rurais e agentes políticas.

Os encontros com o Grupo de Estudo continuaram a ser importantes, mas diante do objetivo de de auxiliar na organização do acervo documental do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)², surgiu a oportunidade da participação no curso de Introdução à Organização de Acervos Documentais, realizado pelo Centro de Documentação Regional da Faculdades de Ciências Humanas e pelo PET Conexão Saberes, da UFGD-Universidade Federal da Grande Dourados. O curso ocorreu entre agosto e outubro de 2013.

O conteúdo do curso foi voltado para como organizar, higienizar, conservar, restaurar e arquivar as fontes documentais. As oficinas foram realizadas pelos técnicos do CDR, Ivanir de Souza Martins (Bibliotecária Documentalista) e Carlos Barros Doutorando em História e teve a carga horária de 35 horas. Durante as oficinas tivemos a oportunidade de visitar o escritório da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que possui um arquivo documental com suas fontes e lá conseguimos visualizar um pouco mais da importância de se manter essa memória documental.

Portanto, essas duas atividades, participação no Grupo de Estudo e no Curso, abriram possibilidades de reflexão e ação para o desenvolvimento dessa pesquisa, ampliando conhecimentos e capacidade para pesquisar.

ATIVIDADES EM CAMPO.

Após a realização das análises bibliográficas e das atividades descritas acima, foi possível a compreensão da importância da pesquisa em campo, assim, tomamos os rumos necessários para a iniciação e realização da mesma.

Foi preciso o deslocamento ao Assentamento destinado para a realização das entrevistas. O desenvolvimento da pesquisa em campo ocorreu em equipe composta por 04 (quatro) pessoas, Crislaine da Silva Araújo, Daniele Lourenço, Marina Santos e Claudia

¹ Marisa de Fátima Lomba coordenadora do Grupo de Pesquisa Gênero, Identidade e Memória (CNPq)

² Esta meta da pesquisa foi iniciada, há registros de documentos que estão no acervo do MST em Campo Grande, mas esta atividade continuará sendo desenvolvida por exigir um tempo mais longo para organizar, higienizar, conservar e restaurar os documentos. Esta também é um objetivo do Projeto de Pesquisa ao qual esta pesquisa PIBIC está vinculado.

Delboni,³ considerando as dificuldades de deslocamento, além de que os temas são comuns e permitem o diálogo entre conhecimentos e experiências. Este procedimento se mostrou qualitativo e auxiliou nos resultados da pesquisa.

O critério de escolha do campo foi motivado pela existência de um grande número de famílias no Assentamento Eldorado, localizado no município de Sidrolândia no estado de Mato Grosso do Sul, as famílias tomaram posse da terra no ano de 2009 quando a fazenda foi destinada para Reforma Agrária.

A saída de Dourados ocorreu no dia 17 de janeiro de 2014, as 8hr00min, chegamos à sede da antiga fazenda por volta das 12hr30min e fomos recebidos pelos caseiros do local, o casal Sr. Aureo e Sra. Elza. A sede da fazenda não foi ocupada pelos camponeses e hoje foi transformada em Base de Extensão e Pesquisa da UFGD, atual responsável por sua administração onde acontecem as etapas do curso de pós graduação em Residência Agrária e outras atividades acadêmicas. No local há um alojamento que foi colocado a nossa disposição no período de realização da pesquisa. A foto abaixo retrata a chegada da equipe ao assentamento.⁴



Chegada ao assentamento

No período de permanência no assentamento, a equipe contou com o acompanhamento das irmãs da Congregação São José, Ir. Wanda e Ir. Regina Célia, elas moram e desenvolvem

³ Todas as pesquisas em desenvolvimento por esta equipe está sob a orientação da Profa. Marisa de Fátima Lomba de Farias, tanto da graduação (PIBIC-Crislaine e PIVIC-Daniele) quando do Mestrado em Sociologia-Marina e Doutorado em História-Cláudia.

atividades de acompanhamento às famílias e nos conduziram pelas longas estradas do assentamento, além de nos apresentar algumas das principais lideranças daquele aglomerado de terras.

De início foi difícil entender as divisões políticas existentes, pois os grupos estão organizados de acordo com os grupos e movimento social do qual cada família faz parte, após esse processo de conhecimento da área, foi possível delimitar o assentamento onde a pesquisa seria desenvolvida. Um dos critérios dessa pesquisa está voltado para o Movimento de Trabalhadores Sem Terras (MST), esse foi o primeiro critério utilizado para delimitação da área, o Assentamento Chê Guevara que permanece na organização política, social e produtiva das famílias.

Após a delimitação da área a ser pesquisada, iniciou-se a identificação do grupo que participaria, entretanto, já havia a definição que seriam grupos de mulheres com histórias de luta e participantes de movimento social, especialmente do MST. Procurávamos saber, também, se algumas delas vivem sozinhas em seus lotes e enfim o principal, conseguir conhecê-las melhor e entrevistá-las. Conforme eram realizadas as visitas, marcava-se o retorno para a entrevista, esse procedimento utilizado propiciou um contato para conhecimento dessas mulheres, apresentação da pesquisa e, especialmente, estabelecer uma relação de proximidade com elas – entre pesquisadora e mulheres assentadas.

Nesse primeiro momento foi possível coletar algumas entrevistas, que permitiram realizar o mapeamento da pesquisa. Com essas entrevistas, conhecemos melhor o cotidiano das mulheres do assentamento Chê Guevara, elas abriram perspectivas de continuidade⁵.

No momento das entrevistas, foi possível entender aspectos da história de luta dessas mulheres, cada uma em sua simplicidade nos demonstrou que em meio a aquelas palavras existiam muita sabedoria e novos sonhos, como por exemplo, ter a oportunidade de cursar faculdade, dar uma vida melhor as pessoas com quem convivem.

QUESTÃO DE TERRAS: UM PROCESSO HISTÓRICO DESIGUAL

O Brasil possui uma estrutura fundiária bastante intensa, essa estrutura nos apresenta a forma como a propriedade de terra esta distribuída, o que motiva cada vez mais os estudos das

⁴ Todas as fotos apresentadas neste texto são registros realizados pela pesquisadora Crislaine.

⁵ Como já foi dito outras pesquisas e atividades de extensão são desenvolvidas na Base da UFGD, portanto, pretende-se dar continuidade a esta pesquisa com vista ao ingresso em programa de pós-graduação, ampliando o número de entrevistas e ainda, realizar oficinas de interesses da população daquele lugar.

questões agrárias, trata-se de um elemento importante para melhor compreensão do que é o campo no Brasil. O início do monopólio de posses de terras teve como marco, a Lei das Sesmarias que tinha como principal objetivo, regular a apropriação da terra.

A atividade do latifúndio era para exportação, dessa forma ocupava os melhores solos e os mais produtivos. Às margens dos grandes latifúndios estavam os pequenos produtores que tinham como atividades principais a produção de alimento; para este grupo as terras eram menos produtivas, as famílias pagavam um arrendamento e trabalhavam na terra nos domingos e feriados, envolvendo todos os seus membros.

No início do século XIX, com o fim da Lei da Sesmaria, ocorre um aumento das posses, e por volta de 1850 a elaboração de uma outra, a Lei de Terras, esta definiu que as terras devolutas só poderiam ser apropriadas através da compra. Desta forma, passa a haver uma nova relação capitalista tornando assim a terra cativa.

Em Mato Grosso do Sul há, também como no Brasil, uma relação capitalista que transforma a terra em negócio. A história de expropriação, violência e até mesmo de exploração são características importantes no processo de constituição desse território, como era província de Mato Grosso herda as atividades econômica e políticas. Uma região marcada pela colonização desses grupos.

Com a Marcha para o Oeste essas terras são ocupadas, fazendo com que os já ocupantes das mesmas se tornassem mão-de-obra nas mais variadas atividades que se instalavam no lugar, entre elas, a exploração da Erva Mate através da Cia Matte Larangeira.

Nesse momento, visualizamos um processo bastante conflitante, de ocupação, desocupação, tanto dos colonos como das populações indígenas. Isso nos leva a refletir sobre o contexto em que vivemos até os dias atuais. Verifica-se ainda toda a resistência dos pequenos produtores e dos movimentos sociais de luta pela reforma agrária.

Por volta de 1960 se intensificavam os conflitos na região sul do estado, são os limites fronteiriços e é possível historicizar o percurso de luta pela terra no estado de Mato Grosso do Sul, parte integrante desses conflitos até a atualidade.

Para descrever a história da luta pela terra no Mato Grosso do Sul é preciso contextualizar historicamente os problemas que envolveram o processo de ocupação desse território. Em primeiro lugar, é possível verificar a amplitude do poder político nesse período dominado pelas oligarquias rurais, esse domínio originou um monopólio dos territórios pelos grandes proprietários de terras. Por esses fatos é importante pensar que onde há domínio, há

peessoas dominadas e se há violência, ha tambem resistências e luta contra ela. Nessa luta está focado o nosso olhar.

A luta pela terra em território sul-matogrossense, perpassa diversos conflitos que envolvem tanto as populações indígenas, quanto os grupos de trabalhadores rurais sem terra, brasiguaios e colonos. Essa luta surge como uma forma de resistir ao desenvolvimento econômico adotado naquele período. Em 1970 surgem novas técnicas, havendo apartir desse período, uma mecanização da monocultura de soja, fazendo com que os grandes proprietários arrendassem as pequenas áreas, onde antes era realizada apenas cultura para a subsistência, deixando desalojadas diversas famílias que tinham a agricultura familiar como sua fonte de renda e subsistência.

A partir de então, passa a se consolidar um modelo desenvolvimentista de grandes produções, acreditando assim que a parceria entre modernização e grandes propriedades levariam o estado ao desenvolvimento econômico, formulando uma politica que se direcionava aos interesses da classe dominante e da concentração de terra na mão de poucos. Ainda em decorrência desse contexto, é gerado um processo de expulsão de sem-terras no estado de MS, pois os grandes proprietários deixavam de produzir alimentos e se dedicavam a cana-de-açúcar e criação de gado, atividades que exigiam um menor número de e mão-de-obra.

O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA - MST

Diante desses fatos, passa a aumentar a tensão entre trabalhadores e grandes latifundiários, levando os camponeses a reivindicarem terras no estado de MS, buscando o apoio dos setores progressistas das igrejas católicas e luteranas necessário para suas lutas e reivindicações. Com isso, apartir de 1980, alguns movimentos de camponeses com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e alguns sindicatos de trabalhadores rurais, passam levantar diversos questionamentos ao monopólio da terra e ao poder político em MS, surgindo assim as primeiras resistências para a conquista e permanência na terra.

Após esse período surgiram diversos conflitos envolvendo a CPT, o movimento dos sem terra, governo e os proprietários de grandes proporções de terras. Surge em meio a essas lutas, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que tem como principal instrumento de luta, as ocupações de terras. E em 1990 o MST intensifica a sua atuação no em MS, organizando acampamentos em diversas áreas.

As ocupações realizadas pelo MST são envolvidas por clima de conflito e violência, entre os sem terras e os latifundiários, isso resulta na criação de diversos assentamentos rurais. Assim, as famílias que abandonaram o campo em um outro momento, têm a oportunidade de lutar para o retorno a sua realidade camponesa. E, através dessa luta as conquistas acontecem com maior frequência, um processo nem sempre fácil, mas que se efetiva em meio lutas marcadas por resistência e conflitos entre camponeses e latifundiários.

Enfim, no estado de Mato Grosso do Sul, diante de exploração, expropriação e violências ocorridas, foi travada uma luta por diversas famílias pela conquista da terra. E nessa luta pela terra encontram-se as mulheres que em determinados momentos se tornam protagonistas dessa história.

O ASSENTAMENTO ELDORADO

A história do assentamento Chê Guevara se confunde com a do Eldorado, isso porque, como será descrito a seguir, houve o acampamento na fazenda Eldorado, com uma grande extensão de terra e após a concretização do assentamento por meio da institucionalização pelo INCRA, vários subgrupos se formaram, diante de diversas circunstâncias, tais como: organização a partir dos diversos movimentos sociais, organização grupal no acampamento, localização geográfica no assentamento recém criado, aproximação ideológica e cultural, dentre outras. Posteriormente, o INCRA reconheceu tais assentamentos.

Por volta do ano de 2002 se instala na estrada estadual que liga Sidrolândia a Rio Brillhante, um dos maiores acampamentos já registrado na história do município. De acordo com dados coletados durante as entrevistas e contatos diretos com os/as moradores/as mais antigos do lugar, o acampamento possuía uma extensão de aproximadamente 10km e cerca de 4 mil acampados/as, houve significativa migração de famílias dos mais variados locais, gerando assim uma diversidade cultural bastante interessante. Os grupos que faziam parte daquele grande acampamento eram bastante diversificados, cada qual com sua ideologia, causando muitas vezes, diversos conflitos entre os militantes. Tais diferenças ideológicas entre os grupos resultaram em diversas rivalidades tanto no período de permanência em barracos de lona, quanto nos anos iniciais do assentamento.

Foi em 2006, que os acampados ocupam definitivamente a fazenda para o processo de seleção que era realizado pelo INCRA. No fim deste mesmo ano as famílias receberam os resultados e a população passa a ter certeza que, após muitos anos na luta, conquistaram o

direito e a posse da terra. Nesse momento por volta de duas mil e duzentas famílias são contempladas com a posse da terra. Como havíamos citado anteriormente, por ser considerado uma assentamento de grande extensão de terra e populoso, o mesmo foi dividido em três grandes grupos: Eldorado I (organizado pela FETAGRI), Eldorado II (JOAO BATISTA E MST organizado pelo MST) e Alambari (organizado pela CUT-FAF e FETAGRI). A foto a seguir demonstra a extensão da fazenda. Essa divisão ocorre devido ao fato das extensões territoriais da fazenda, serem grandes e o antigo acampamento ser dividido entre esses movimentos e associações. Dessa forma acontece então a divisão de acordo com os grupos já organizados por cada movimento.



Mapa da extensão territorial da Antiga Fazenda.

FAZENDA ELDORADO									
TABELA DE ÁREAS (ha)									
RODÍZIO	RESERVA LEGAL	P. PERMANENTE	VARILÃO	AÇUDE	BENEFICÍARIAS	CORREDOR	ÁREA ÚTIL	ÁREA TOTAL	
O L I	782,8987	137,8448	134,2878	3,8459	81,2583	8525,0714	8254,8414		
E J	813,1368	84,8844	88,0878	34,4774	31,8001	4240,9311	5083,2078		
Z U V	1276,8948	131,8221	368,0237	84,4030	26,3088	5718,9187	7586,4712		
A C P	1273,2898	138,3001	52,4348	71,1330	1,0367	21,2078	8487,4734	8054,8851	
TOTAL	3568,3280	472,3812	420,4582	287,8916	29,3800	140,4120	23382,3946	28759,2096	
FAZENDA ELDORADO									28 759,2096 ha
FAZENDA ELDORADO SA									181,273,24 m
FAZENDA ELDORADO SA									BRASILÂNDIA - MS
Escala									1:25.000
Escala									CUTUBIRO 2000
Projeto									JOSÉ CARLOS DE ALBUQUERQUE
Projeto									JOÃO BATISTA
Projeto									JOÃO BATISTA

A partir da chegada dos assentados, o poder público inicia o processo de intalação das escolas. Aproximadamente 300 estudantes iniciaram seus estudos na escola municipal Arany

Barcelos extensão Eldorado, com esse número e possível perceber o tamanho do novo grupo que o município iria receber. Havia diversas dificuldades, diante da ausência de estradas de acesso aos lotes para o deslocamento dos/as estudantes, nem mesmo transporte escolar adequado. Essa situação teve solução apenas no ano seguinte com a construção do que eles chamam de travessão, são estradas que ligam os lotes e dão acesso a outras vias principais.

Ainda assim, o acesso à escola era bastante difícil, principalmente com o número de apenas 05 (cinco) ônibus disponíveis para a locomoção de estudantes nos dois turnos de aula. Para o melhor atendimento à educação no assentamento, 02 (dois) prédios antigos foram reformados e adaptados para serem utilizados como salas de aula para a escola.

Após um longo período de lutas e resistência, atualmente a escola conta com aproximadamente 800 alunos em seus dois turnos e 9 (nove) ônibus fazem o deslocamento de estudantes para a escola.

Em meados de 2008 foi criado o posto de saúde no assentamento, onde médicos, dentistas, enfermeiros e agentes de saúde realizam os atendimentos básicos à comunidade, que conta também com um carro que fica a disposição em caso de atendimentos emergenciais.

Entre 2011 e 2013 foram criadas novas estruturas para os mais variados atendimentos e necessidades dos/as moradores/as do assentamento, como por exemplo, a implantação de um posto dos Correios para entrega e recebimento de correspondências, no mesmo local também, esta em processo a construção da agrovila. A permanência de algumas famílias nos lotes se tornava bastante prejudicada pelo fato da obrigatoriedade diante das dificuldades de gestão da produção para a geração de renda, assim, alguns proprietários precisavam sair para trabalhar temporariamente em outras atividades tem.

Diante dessa dificuldade e da exigência do INCRA pela permanência das famílias em seus lotes, muitas famílias desistiram do lote, mas em outros casos os homens saíam para trabalhar e as mulheres permaneciam nos lotes para a garantia de direito dos mesmos.

No assentamento possui também uma casa da Congregação de São José, da Igreja Católica, onde residem a irmã Regina Celia e a Irmã Wanda. Elas desenvolvem trabalhos sociais como aula de música, atendimentos emergenciais; a irmã Wanda é enfermeira no Posto de Saúde e irmã Regina é professora de matemática na escola local, além de realizar atividades com música no assentamento. As duas irmãs nos receberam de imediato no assentamento e auxiliaram a realização do mapeamento e da delimitação do espaço e da identificação de algumas mulheres para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida.

São nessas mulheres que o próximo tópico irá tratar, mulheres que deixam de ser apenas coadjuvantes de uma história, e passam a serem protagonistas nessa luta, no enfrentamento às dificuldades encontradas, como a produção para subsistência, a luta pela implantação de rede de energia e de água, financiamentos, busca pelas casas e outras necessidades básicas que surgiram no decorrer do tempo.

A HISTÓRIA DE LUTA DAS MULHERES DO ASSENTAMENTO CHÊ GUEVARA.

As mulheres são personagens e protagonistas de sua própria história. Uma história de luta e de conquistas significativas em âmbito individual e familiar. Para compreender essa luta, as entrevistas com algumas mulheres foi a técnica de investigação utilizada. Para tanto, foi utilizado um roteiro simples composto por questões relevantes para o registro da história de vida e de luta dessas mulheres.

Nesse processo de pesquisa estabelecemos contatos com as memórias coletivas, para que fosse possível identificar as mulheres com as quais teríamos contato e registraríamos suas memórias individuais. Esse é o cuidado que Pollak (1982) apresenta quando fala que são esses pontos que irão conduzir a reconstrução das lembranças, vislumbrando a memória como um elemento que é construído pelo sentimento e é fonte para a construção de um perfil dessas mulheres. Nas entrevistas, realizamos um perfil do cotidiano vivido por essas lutadoras nem mais fracas e nem mais fortes que seus companheiros, mas que buscam com a mesma intensidade, uma vida melhor e mais digna em terras que são as principais fontes de subsistências para as famílias do Assentamento Chê Guevara.

Dessa forma, foi possível entender a permanência constante das mulheres em processos de enfrentamento nas etapas de consolidação do assentamento, elas compreendem as mudanças ocorridas na realidade do campo, são mulheres, mães, companheiras, trabalhadoras e acima de tudo, agentes políticas.

É importante ressaltar que o trabalho dessas mulheres é fundamental na gestão do lote, elas são as principais responsáveis pela produção do leite e o cuidado com o gado e ainda, desenvolvem atividades na roça e horta, portanto, esse trabalho não é um complemento ele é essencial no processo de produção e reprodução familiar. Esse reconhecimento do valor social e econômico do trabalho das mulheres, faz parte da luta feminina por valorização e equidade de gênero.



Lugares de trabalho das mulheres



Lugares de trabalho das mulheres

São essas pessoas que constituem os assentamentos, sem elas essa história não seria contada e nem seria possível buscar entendê-la, pois isso faz parte de nosso trabalho como pesquisador/a, não apenas contar o processo mas entender e registrar o processo de luta pela terra.

As diferenças culturais e ideológicas no assentamento são significativas, entretanto, esta característica não impediu a efetivação de um processo de enraizamento que ainda está em andamento. Antigos e novos hábitos dialogam, as diferenças tanto na linguagem como na forma de trabalhar, emergem e são motivos para reconfigurações e ressignificações do modo de vida, em meio a conflitos e ambiguidades. Com isso surgiam diversos problemas, que

tinham que ser solucionados e sempre as mulheres buscavam as soluções mais adequadas para cada situação, fossem elas no aspecto produtivos ou divisão de espaços políticos e decisórios.

Os trabalhos das mulheres do Chê Guevara não se restringem apenas ao lote, vão além disso, elas se destacam em outras atividades que envolvem o assentamento, muitas delas voltaram a frequentar a escola, são líderes de comunidade, saíram da passividade familiar e alçaram novos rumos e sonhos.

Mas como diz FARIAS (2009) as desigualdades entre homens e mulheres estão estampadas no mundo do trabalho, tanto em relações aos cargos como nos salário, ainda persistindo um favorecimento ao homem. Essas desigualdades, mesmo em um assentamento marcado pela luta das mulheres, são existentes e se reproduzem cotidianamente.

As mulheres do assentamento Ghê Guevara reconhecem essa reprodução e permanecem atentas ocupando os espaços de produção e de organização política, mesmo diante de obstáculos diários que envolvem as atividades consideradas de responsabilidade das mulheres, como cuidar da casa e de filhos/as. No período da pesquisa acompanhamos reuniões de organização dessas mulheres para a formação da associação, como registrado na foto abaixo:



Reunião para a criação da Associação de Mulheres com a participação da pesquisadora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender a história e organização atual do assentamento Chê Guevara, como também do Eldorado como um todo, foi importante perceber a extensão territorial que dificultou a pesquisa em alguns aspectos, como por exemplo, o deslocamento para a realização das entrevistas, a efetivação de contatos com as mulheres, enfim, foram superados e sabemos que fazem parte das aprendizagens da pesquisadora.

Vale ressaltar ainda, que esta pesquisa, como outras que estão em andamento no assentamento Eldorado e nos assentamentos que formam um complexo extenso, são as primeiras e inéditas, por isso, as dificuldades também são novas, principalmente a compreensão dessas subdivisões territoriais e ideológicas.

Portanto, avaliamos que esta pesquisa apresenta potencial para ser ampliada e poderá ser complementada em programa de pós-graduação, intenção da pesquisadora que iniciou importantes passos nesse processo. Assim sendo, houve um mapeamento das principais características do assentamento Eldorado (considerando o complexo que abriga o assentamento Chê Guevara) e a realização de entrevistas com algumas mulheres.

Neste contato com as mulheres percebeu-se que há uma memória individual e coletivo de luta pela terra que, atualmente, impulsiona o grupo a se organizar para permanecer no novo lugar, conquistado com muito esforço e em longos anos no acampamento, tanto que as mulheres estão em processo de formação da associação de mulheres do assentamento, um passo fundamental para seu empoderamento.

Outro aspecto a ser salientado, é a presença dessas mulheres no espaço de trabalho, elas enfrentam os desafios da organização das atividades dentro e fora de casa, participam ativamente dos dois espaços e lutam por reconhecimento dessa participação na gestão do lote, pois seu trabalho é responsável, igualmente ao dos homens, pelo sustento da família.

No assentamento Chê Guevara encontramos muitas mulheres que são protagonistas nessa luta incessante e histórica pela conquista da terra, que não termina na chegada ao lote, esta é apenas uma nova etapa de importantes lutas. Elas estão escrevendo e reescrevendo sua própria história e lançam seus sonhos e expectativas por entre os caminhos que formam o assentamento, seu lugar de moradia, de trabalho e de emancipação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Ensaio Bibliográfico: obras coletivas de história oral. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jun. 1997. (p. 206-219)

_____. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CIRIZA, Alejandra. Heranças e Encruzilhadas Feministas: as relações entre teoria (s) e políticas (s) sob o capitalismo global. In.: BORON, Atílio A. (Org.) *Filosofia Política Contemporânea*. Controvérsias sobre civilização, império e cidadania. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales. CLACSO; São Paulo: Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de ao Paulo, 2006.

COELHO, Fabiano. *A prática da mística e a luta pela terra no MST*. 2010. 284 p. Dissertação (Mestrado em História) - UFGD, Dourados.

MENEGAT, Alzira Salete, TEDESCHI, Losandro Antonio, FARIAS, Marisa de Fátima Lomba. (Orgs). *Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário* – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009. 278p.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas Fundadoras do feminino: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, vol. 26, n.52, jul/dez, 2006. (p. 249-272).

_____. Historicizando o gênero. In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *O historiador e seu tempo*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. (p. 163-188).

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos orais: do “dizível” ao “indizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. *Experimentos com histórias de vida: Itália - Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. (Ciências Sociais; v. 5)

_____. *Variações sobre a técnica do gravador como registro de informações vivas*. São Paulo: T.A.Queiroz Editor Ltda, 1991.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. v. 12, n.2, 2004. (p. 35-50).

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil para a análise*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 16, n.2, p.5-22, jul/dez, 1990.

SILVA, Cristina Beretta da. Relações de gênero e subjetividades no devir do MST. *Revista Estudos Feministas*. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. v. 12, n.1, 2004. (p. 269-287).

SQUINELO, Ana Paula. Mulheres e Relação de gênero: uma discussão feita por mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Mato Grosso do Sul. 1999.53 f. Monografia (Especialização em história do Brasil) – UFMS, Dourados. (Localizado no CDR-Centro de Documentação Regional FCH/UFGD)

WOOLF, Cristina Scheibe; POSSAS, Lidia M. Vianna. Escrevendo a História no Feminismo. *Revista Estudos Feministas*. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. v. 13, n.3, 2005. (p. 585-589).

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba (Org.). *Relações de gênero: dilemas e perspectivas*. Editora da UFGD, Dourados, 2009.

MORIGI, Valter. *A escola do MST: uma utopia em construção*. Porto Alegre. Mediações, 2003. p. 96.